



## **Escola Bíblica Dominical**

### **LIÇÃO 22** **A transfiguração<sup>i</sup>**

#### **Texto-base: Mt 17.1-13**

Quando eventos históricos cruciais estão acontecendo, raramente eles são autoexplicativos. Seu verdadeiro significado requer muitas vezes a perspectiva do tempo decorrido, e uma certa medida de compreensão. Certamente isso é certamente verdadeiro quanto à maioria das instâncias da grande autorrevelação de Deus à humanidade. Aqueles que participam de tais eventos certamente sabem que eles estão experimentando algo significativo; porém eles podem muito bem ser incapazes de detectar muito do significado daquele evento na grande tela da autorrevelação de Deus na história. Por exemplo, os judeus que saíram do Egito no Êxodo sabiam que Deus estava agindo de maneira poderosa no interesse deles; mas poucos ou nenhum deles compreenderam naquele momento que a sua redenção do Egito constituiria o pano de fundo de um pacto especial com Javé, menos ainda que tal acontecimento serviria de muitas maneiras como o símbolo de uma redenção ainda maior por vir.

Já vimos algo do mesmo fenômeno em conexão com a vida e o ministério de Jesus. No entanto, se essa relativa ignorância é verdadeira com respeito ao ponto decisivo da cruz, como visto na lição anterior, ela não é menos verdadeira acerca de inúmeros eventos discretos na vida de Jesus.

O capítulo 17 de Mateus começa (vv. 1-8) com a transfiguração de Jesus - o momento antes da cruz quando a verdadeira glória de Jesus foi mais claramente revelada. Todavia esta exibição da glória foi pouco compreendida por aqueles que a testemunharam (17:4,5) e de qualquer modo ela serviu como um realce de outras falhas de compreensão, fé e apreciação entre o povo do Messias (17:14-27; 18:1,21).

Nesta lição estudaremos o significado da transfiguração, e na próxima veremos as falhas dos discípulos que se seguiram imediatamente após esse decisivo episódio.

#### **Jesus transfigurado**

O exato local deste evento é disputado; mas provavelmente ele aconteceu no Monte Miron, a 1.160 metros de elevação, a montanha mais alta na região e no caminho de Cesaréia de Filipo para Cafarnaum (16:13; 17:24). Assim como Moisés,

Jesus exibiu glória de maneira física; porém ao passo que o rosto de Moisés brilhou porque refletiu um pouco da glória de Deus (veja Êxodo 34:29,30), o rosto de Jesus brilhou porque Ele foi “transfigurado” perante seus três discípulos mais chegados. O verbo é usado no Novo Testamento para descrever o modo como os crentes são “transfigurados” ou “transformados” em caráter (veja Romanos 12:2; 2 Coríntios 3:18), sem necessariamente terem rostos brilhantes! Entretanto, no caso de Jesus, a transformação foi física e foi realizada para permitir que Seus seguidores testemunhassem algo da glória que era Sua antes do mundo começar (veja também João 1:14; 17:5; Filipenses 2:6,7) e que logo seria Sua novamente (2 Pedro 1:16-18; Apocalipse 1:16).

Mas isto não quer dizer que eles compreenderam o que estavam vendo naquele momento. Na verdade, os discípulos haviam aprendido já há muito tempo a reverenciar figuras como Moisés e Elias; e assim, testemunhar Jesus na companhia deles era, até onde os discípulos podiam ver, algo honroso para Jesus - ou pelo menos, isso fornecia aos discípulos uma escala pela qual medir Jesus. A oferta de Pedro de construir abrigos<sup>1</sup> (17:4) foi portanto feita em boa fé, só que mais uma vez revelou um erro de cálculo e um equívoco espetacular.

Tudo isso fica claro quando refletimos cuidadosamente no que Moisés e Elias estavam fazendo. Enquanto na terra, ambos tiveram funções que previram o futuro: Moisés foi o modelo para o profeta que iria segui-lo (Deuteronômio 18:18), e Elias foi o modelo para o precursor do Messias (Malaquias 4:5,6; Mateus 3:13; 11:7-10; 17:9-13). Moisés introduziu o pacto do Sinai; Elias buscou restabelecer o apego a esse pacto. Os dois homens experimentaram uma visão da glória de Deus, um no monte Sinai e outro no monte Horebe (Êxodo 31:18; 1 Reis 19:9); ambos foram homens de Deus em épocas de transição; ambos enfrentaram fins, digamos, “estranhos” (Moisés sepultado por Deus e Elias trasladado para o céu num redemoinho); e ambos sofreram certa rejeição durante o curso de suas vidas. É também difícil não pensar que em parte eles representam a lei e os profetas (veja Mateus 5:17; 7:12; 11:13).

O que está mais claro, entretanto, é que Jesus os ultrapassou. Se Moisés e Elias contemplaram uma vez a glória de Deus, Jesus foi tão transfigurado que Ele a exibiu. Foram Suas as vestes que “tornaram-se brancas como a luz” (17:2) e Moisés e Elias estavam conversando com Ele. O testemunho da voz dos céus deve ser lido contra o pano de fundo da oferta de Pedro (17:4,5). Quando os discípulos estavam preparados para erigir três abrigos englobando Moisés, Jesus e Elias juntos, lhes é dito

---

<sup>1</sup> A palavra é *skênas*, que significa tenda ou tabernáculo. Embora a palavra rememore o tabernáculo no deserto, precursor do templo, a ideia de construir “tabernáculos” também reflete a festa das cabanas, quando os judeus construíam tendas para si mesmos e viviam nelas por sete dias (cf. Lv 23:42,43). A festa tinha nuances escatológicas. Assim, Pedro pode ter dito que, em agradecimento por testemunhar a transfiguração de Jesus e em reconhecimento do iminente alvorecer da era messiânica, ele construiria três tabernáculos, um para Jesus, um para Moisés e um para Elias.

firmemente: “Este é o meu Filho amado...a ele ouvi” (Mateus 17:5; comparar com 3:17; Deuteronômio 18:18). E quando o medo dos discípulos lentamente se dissipou, eles não viram “a ninguém senão a Jesus somente” (17:8).

Jesus era central, e de certa maneira Ele sobrepujou a lei e os profetas, enquanto ainda estava ligado com eles. Parece que Pedro queria situar o legislador e o profeta lado a lado com o Divino Mestre, como se os três fossem iguais. Jesus é o salvador, para quem continuamente apontavam a lei e os profetas.

Nos relatos da transfiguração em Marcos (9:2-8) e Lucas (9:28-36) é observado que Pedro não sabia bem o que dizer (Mc 9:6), e que de certo modo o medo motivou suas palavras. Lucas fala do medo quando a nuvem, um sinal da presença da *Shekinah* de Deus, desce ao redor deles: o simbolismo de toda a cena lembra a entrega da lei (ver, especialmente, Ex 24.16). Uma nova era e realidade aparecem com Jesus e a glória que sua presença representa.

A transfiguração foi mais por causa dos discípulos do que por causa de Jesus. Ele foi transfigurado “diante deles” (17:2) e a voz falou com eles. Se eles não compreenderam plenamente isso naquele momento, o que ocorreu foi não obstante um passo fundamental na autorrevelação de Jesus para eles; e embora tivessem que manter silêncio sobre sua experiência até após a ressurreição (17:9), este evento forneceu o trigo para o moinho teológico que um dia tentaria explicar e proclamar quem Jesus é: o contraste entre o que Jesus acabara de predizer que seria seu destino (16:21) e essa visão gloriosa fariam, um dia, os discípulos de Jesus se maravilharem com a humilhação de Si mesmo que o levou à cruz e a deslumbrarem a altura à qual Ele seria levantado por meio de sua ressurreição e ascensão vindicativas (cf. 2 Pe 1:16-19).

A questão colocada a Jesus pelos discípulos (17:10) pode ser mal-entendida. Muitos a entendem da seguinte forma: os discípulos agora entenderam que Jesus era o Messias; porém como responderiam eles à opinião dos escribas de que Elias deveria vir antes do Messias surgir? O problema deles, neste ponto de vista, era cronológico. Se Jesus era o Messias e Elias tinha que vir primeiro, quem era Elias? Mas Jesus já havia tratado deste ponto (Mt 11:14). Além do mais, se foi isso que os discípulos queriam dizer por sua pergunta, então pressupõe que eles compreenderam a referência à ressurreição no versículo anterior (17:9) e estavam perguntando algo sobre mera cronologia, mesmo Marcos tendo insistido que eles não conseguiriam realmente entender o que a menção de Jesus de “ressurgir dentre os mortos” realmente significava (Marcos 9:10)

O ponto focal da questão dos discípulos é mais profundo. Se Elias tivesse que vir primeiro e “... restaurar todas as coisas”, eles estavam perguntando, então, como o Messias poderia ser morto? Se tudo está restaurado, quem ficaria para tentar executar

Jesus? Noutras palavras, os discípulos ainda não eram capazes de descobrir qualquer perspectiva na qual o Messias pudesse ser morto e, portanto, pudesse levantar dos mortos. A confusão deles não era meramente cronológica - quem deve vir primeiro; pelo contrário, ela voltava-se para a inabilidade fundamental deles de fazer sentido a combinação de glória e sofrimento. Naquele momento, o testemunho da glória da transfiguração de Jesus tinha na verdade confirmado para eles seu mal-entendido.

Jesus respondeu que a cronologia do ponto de vista padrão estava correta: Elias veio realmente primeiro. Mas Seus seguidores precisavam reconhecer duas coisas. Primeiro, que João Batista já havia cumprido aquela profecia, e, segundo, que a função de João Batista de “restaurar todas as coisas” não era absoluta. Afinal de contas, se o Batista tivesse restaurado literalmente tudo, sem exceção, não haveria nenhum a necessidade para o Messias. A “restauração de todas as coisas” deve ser relativa: ele restaurou tudo o que foi necessário em preparação para a vinda do Messias, e dessa forma iniciou o processo para a restauração de literalmente tudo na consumação. Mas ao desempenhar sua função, João Batista encontrou oposição, e consequentemente perdeu a sua vida; então por que deveria ser estranho pensar que o Filho do homem deveria também sofrer (17:11,12)?

A manifestação mais clara da glória de Jesus havia ocorrido em um contexto de incompreensão e incerteza (17:4,10), pois. Porém os fracassos realmente graves ainda estavam por vir.

---

<sup>i</sup> Esta lição é baseada nos livros: **Deus conosco** (D. A. Carson , Editora PES); **O comentário de Mateus**, de D. A. Carson (Shedd Publicações); e **Jesus segundo as Escrituras**, de Darrell L. Bock (Shedd Publicações).